



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL**

JOSÉ FELIPE FERREIRA RAMOS
LUANA DA SILVA FLORES
NATHAN ANDRYEL BOLLAUF ANTUNES
THALLES GABRIEL FELIPE
VICTOR HUGO NASCIMENTO DA SILVA
VITÓRIA VALENTINA TRACHINSKI CARVALHO

**LETRAMENTOS NO ENSINO MÉDIO NO ÂMBITO DO IFSC- CÂMPUS
JARAGUÁ DO SUL**

JARAGUÁ DO SUL/ SC

2017

JOSÉ FELIPE FERREIRA RAMOS
LUANA DA SILVA FLORES
NATHAN ANDRYEL BOLLAUF ANTUNES
THALLES GABRIEL FELIPE
VICTOR HUGO NASCIMENTO DA SILVA
VITÓRIA VALENTINA TRACHINSKI CARVALHO

**LETRAMENTOS NO ENSINO MÉDIO NO ÂMBITO DO IFSC- CÂMPUS JARAGUÁ
DO SUL**

Projeto de pesquisa desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando Saberes” do Curso Técnico em Química (Modalidade Integrado) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Jaraguá do Sul.

Orientador: MSc. Josué Jorge Cruz

Coorientadora: Dra. Ana Cecília Torres

Coordenador: Dr. Selomar Claudio Borges

JARAGUÁ DO SUL/ SC

2017

SUMÁRIO

1 TEMA	3
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	3
3 PROBLEMA	3
4 HIPÓTESES	3
5 OBJETIVOS	4
5.1 Objetivo geral	4
5.2 Objetivos específicos	4
6 JUSTIFICATIVA	4
7 REVISÃO DE LITERATURA	5
7.1 O conceito de letramento	5
7.2 Diferenciação entre alfabetização e letramento	6
7.3 O conjunto de competências de leitura e escrita	7
7.4 A importância da dimensão social do letramento	8
8 METODOLOGIA	10
8.1 Participantes	11
8.2 Procedimentos de coleta de dados	11
8.3 Condução do teste piloto	12
9 CRONOGRAMA	13
REFERÊNCIAS	14

1 TEMA

Práticas de letramentos no contexto do Instituto Federal de Santa Catarina.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema está delimitado às práticas de letramento e aos hábitos de leitura dos estudantes do Curso Técnico Integrado em Química do IFSC- Câmpus Jaraguá do Sul.

3 PROBLEMA

Segundo Soares (2012), o termo letramento não se refere apenas às habilidades de compreensão em leitura e produção de textos, mas também inclui os usos sociais da língua escrita que existem dentro e fora da escola: em família, em espaços religiosos, profissionais e de lazer com um grupo de amigos, entre outros. Tais usos da leitura e escrita variam de acordo com o contexto em que ocorrem e interagem de forma bastante complexa. Assim, pretendemos investigar como os usos da língua escrita externos à escola e os escolares se influenciam mutuamente. Para conduzir essa investigação, vamos mapear as práticas de letramento e os hábitos de leitura dos estudantes do ensino médio, propondo a seguinte pergunta problema: como são as práticas de letramento e os hábitos de leitura dos estudantes do Técnico Integrado em Química do IFSC (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Câmpus Jaraguá do Sul)?

4 HIPÓTESES

- Os estudantes do IFSC possuem uma ampla variedade de práticas de letramento com as quais se envolvem dentro e fora da escola.
- As práticas de letramento e os hábitos de leitura dos estudantes podem ser diferentes dentro do âmbito escolar e fora dele.
- Muitas vezes, a escola não acolhe as práticas de letramento que os estudantes já trazem de outros espaços externos à escola.

- Grande parte das práticas de letramentos e dos hábitos de leitura dos estudantes fora da sala de aula tornam-se condicionadas pela escola.
- Os estudantes mudam suas práticas de letramento e seus hábitos de leitura após ingressar no IFSC.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Descrever as diferentes práticas de letramento e os hábitos de leitura dos estudantes do Técnico Integrado do IFSC.

5.2 Objetivos específicos

- Revisar as referências bibliográficas a respeito do conceito de letramento e de leitura.
- Investigar quais as práticas de letramentos que os alunos do IFSC já possuem além dos muros escolares.
- Observar como as práticas de letramento externas à escola se relacionam com o letramento escolar (e vice-versa).
- Pesquisar como o estudante interage com as práticas de letramento escolar no IFSC.

6 JUSTIFICATIVA

Muito embora existam crenças e mitos de que os jovens não leem, tomando por base estudos prévios (SOUZA; CORTI; MENDONÇA, 2012), levantamos a hipótese de que o letramento é parte da vida cotidiana dos estudantes do IFSC dentro e fora da escola.

Por um lado, é importante não perder de vista que os jovens fazem diversos usos da leitura em seu cotidiano fora da escola. Citaremos aqui alguns exemplos a partir de Souza, Corti e Mendonça (2012, p.15): muitos leem a bíblia e preces, histórias em quadrinho, mangás, literatura, receitas culinárias, legendas de filmes, rótulos de produtos alimentícios e de limpeza, bulas de remédio, cardápios, quadro

de horários, leem e escrevem mensagens de *emails e what's app*, usam redes sociais, pertencem a grupos de teatro, participam de cursos extracurriculares, além disso, fazem busca de informações em portais, curtem música e informações sobre esportes e artistas, jogam RPG (SOUZA *et al.*, 2012, p.15), em resumo, muitos leem por fruição, para estar em sintonia com o seu grupo social, entre outros motivos. Por outro lado, a partir do curso técnico integrado ao ensino médio temos a expectativa da formação de um cidadão e de um profissional que lê e escreve textos técnicos e de iniciação acadêmica.

Consideramos, então, importante buscar compreender como os membros do nosso grupo percebem suas preferências de leitura e investigar como essas preferências cotidianas podem auxiliá-los em sua formação escolar que os prepara para o exercício da cidadania, a inserção no mundo do trabalho e, vice-versa, como as práticas de letramentos escolares influenciam a vida dos estudantes fora do IFSC. Compreender, ainda, quais práticas cotidianas foram ressignificadas (modificadas) e/ou excluídas pelos alunos para a inserção de outra prática, escolar.

Ressaltamos também que a presente pesquisa poderá trazer contribuições para o programa de iniciação científica do Técnico Integrado em Química, o “Conectando Saberes”, pois este é o primeiro projeto que abordará o supracitado tema nesta Instituição.

7 REVISÃO DE LITERATURA

7.1 O conceito de letramento

Segundo Soares (2012), é difícil considerar apenas uma definição única e universal para o conceito letramento, pois esse abrange uma ampla variedade de conhecimentos, capacidades e funcionalidades, bem como valores e tradições, o que o torna muito complexo e multifacetado. A autora ainda explica que está implícita no termo *literacy* (do inglês, letramento) a ideia de que ele traz efeitos positivos para o indivíduo e para o grupo social no qual ele está inserido. Assim, em uma sociedade na qual se fazem vários usos sociais da língua e da escrita, é importante buscar compreender a vasta gama de experiências de letramento e também a complexa interação entre as várias práticas de leitura e escrita, tendo em

vista a mobilidade social dos indivíduos, a sua inclusão na sociedade e a perspectiva cidadã (VIEGAS, 2015).

Teles (2013) ressalta que, em um passado¹ não muito distante, bastava que as pessoas soubessem apenas escrever seus nomes para que exercessem o voto. Entretanto, nos dias de hoje, tornou-se fundamental ir além de aprender a ler e escrever. Para a inclusão do indivíduo na sociedade, é necessário que ele compreenda as diferentes formas de linguagem, de textos e os diversos contextos nos quais eles circulam e são produzidos.

7.2 Diferenciação entre alfabetização e letramento

Alguns autores fazem uma diferenciação entre alfabetização e letramento. Por exemplo, Soares (2012) explica que alfabetização se resume ao ato de aprender a ler, escrever e realizar cálculos básicos. Já letramento vai além da alfabetização, pois envolve um conjunto de habilidades de leitura e escrita que são configuradas em um contexto social. As pessoas fazem uso dessas habilidades e as relacionam de acordo com as necessidades do contexto no qual se encontram.

Conforme esclarece Soares (2012), um adulto pode não ser alfabetizado, mas, de certa forma, pode participar de práticas letradas, tendo conhecimento e compreensão de algumas funções sociais da escrita e da leitura. Por exemplo, o indivíduo pode pedir ajuda para uma outra pessoa para ler uma carta ou um jornal para ele, ou até para escrever uma carta. Também podemos ter o caso de alguém que é alfabetizado, mas não tem o conhecimento de letramentos que exigem um alto nível de escolaridade e são centrados essencialmente na escrita, por exemplo, o letramento acadêmico, que é de natureza grafocêntrica (KLEIMAN, 1995). Nesse último caso, ressaltamos que, apesar de muitos não terem acesso a práticas letradas acadêmicas, isso não significa dizer que essas pessoas são ignorantes, ou que não possam participar de outras práticas de leitura e escrita, que são significativas em seu cotidiano.

¹ Segundo o Memorial da Justiça Eleitoral Mato-grossense, a partir de 1881, para exercer o voto, os eleitores deveriam apresentar renda comprovada e serem alfabetizados, sabendo assinar o seu nome, para assim poderem votar nas eleições diretas para Câmara dos Deputados, Senado Federal e Assembleias Provinciais.

Apesar de a escola ser uma importante agência de letramento, conforme já mencionamos acima, a partir de Souza *et al.* (2003), o letramento é uma prática social que pode acontecer no ambiente familiar, profissional, religioso, com grupos de amigos. Portanto, a discriminação de letramentos que não são legitimados no contexto escolar é um ato excludente.

7.3 O conjunto de competências de leitura e escrita

O letramento consiste em dois processos importantes: ler e escrever em que, embora um complemento o outro, ambos se diferenciam. A escrita, assim também como a leitura, possui uma dimensão processual, que envolve um conjunto de habilidades voltados à expressão e à compreensão de alguma mensagem.

Quanto à dimensão processual da escrita, Soares (2012) nos explica que ela engloba diversos fenômenos, tais como a caligrafia e a ortografia, além do processamento e da seleção de informações prévias, do estabelecimento de objetivos e de relações entre ideias, bem como da forma de organizá-las e comunicá-las para produzir um texto, entre inúmeras outras habilidades.

Já a dimensão processual da leitura se caracteriza por envolver habilidades a partir das quais se pode identificar, decodificar grafemas e obter compreensão sobre eles, ativar conhecimentos prévios, verificar hipóteses, produzir inferências, sendo o leitor capaz de obter diferentes sentidos com o mesmo texto a partir das circunstâncias em que a compreensão ocorre. Assim, a leitura compreende desde a habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades mais complexas de compreensão inferencial (SOARES, 2012).

Conforme já explicitamos acima, os atos de ler e escrever podem ser aplicados a diversos tipos de textos, desde um livro de literatura a anúncios publicitários, que circulam em diferentes contextos com diferentes objetivos. Com isso, os nossos modos de ler e de escrever variam conforme as circunstâncias em que acontecem e conforme os interlocutores (leitores ou escritores) envolvidos na interação escrita.

Segundo Souza *et al.* (2012), uma capacidade própria de um leitor/ escritor ideal é saber se ajustar diante do texto dependendo do que vai ler/ escrever e para quem vai ler/ escrever. Por exemplo, não se lê uma bula da mesma forma como se

lê um romance, não se escreve uma tese da mesma forma como se escreve um comentário em uma rede social.

Por vezes, a escola não reconhece essa variedade dos hábitos de leitura e escrita dos alunos e até os marginaliza, pois pensa que eles podem interferir no aprendizado ou até mesmo dificultá-lo. De acordo com Souza *et al.* (2012):

Um bom exemplo que a história registra é o das histórias em quadrinho (HQs) ou gibis. Durante um bom tempo a escola e outros setores da sociedade não reconheciam as HQs como leitura válida. Alguns chegaram a combatê-las sistematicamente, por considerarem sua linguagem simplificada e concisa demais, além de estar apoiada na linguagem não verbal dos desenhos. A leitura de quadrinhos assim prejudicaria o desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita do jovem em formação. Hoje já se sabe que muitos quadrinhos são de leitura extremamente complexa, pois exige que o leitor recupere informações que não estão explícitas (p.28).

Ainda para Souza *et al.* (2012), os modos de ler mudam conforme o tempo porque mudam também os modos de vida das pessoas e como elas interagem com o material escrito:

O torpedo, a mensagem de texto enviada por celular, por exemplo, é um gênero recentemente criado, como decorrência de uma nova tecnologia. Mas esse tipo de mensagem não é um gênero totalmente novo; ele se assemelha ao bilhete e à conversa informal que já existem há bastante tempo (SOUZA *et al.*, 2012, p.33).

Concluimos que, com o passar do tempo, com as novas tecnologias que irão surgir, novas práticas de leitura e de escrita igualmente serão implementadas.

7.4 A importância da dimensão social do letramento

O letramento revela-se, então, como sendo muito mais do que apenas um conjunto de habilidades individuais empregadas para ler e escrever, uma vez que ele está associado aos usos da leitura e escrita em um contexto social. Soares (2012) nos esclarece que existem dois tipos de “visões sociais” sobre o letramento: uma visão liberal (fraca) e outra mais radical (forte), conforme esclarecemos abaixo.

A visão liberal ou pragmática é tida como um ponto de vista social fraco, no qual se concebe que o letramento serve para o indivíduo encaixar-se na sociedade. Isso difunde o termo “letramento funcional”. Segundo essa concepção, o letramento é algo que é exigido apenas para o indivíduo “funcionar bem” no trabalho ou na escola. Nesse caso, ler e escrever possuem uma função de sobrevivência e são

usados conforme a exigência. Nessa perspectiva pragmática do letramento, as pessoas são “treinadas” em procedimentos práticos de leitura e de escrita e não se abrem para outras situações.

Essa compreensão pragmática da leitura e da escrita, como uma ferramenta para o indivíduo ser bem-sucedido na escola e sobreviver no mercado de trabalho, não contempla a complexidade das relações sociais envolvidas nas práticas de letramento da sociedade contemporânea, altamente tecnologizada. Tal perspectiva, portanto, é insuficiente para entender a complexidade dos letramentos como práticas sociais.

Soares (2012) marca um contraste entre o viés pragmático e uma visão social forte que enxerga o letramento a partir de uma perspectiva radical. Para os defensores da posição radical, o letramento não é apenas um conjunto de habilidades de leitura e escrita usadas individualmente para se adaptar à sociedade. As práticas de letramento são construídas em conjunto a partir de processos de socialização. Isto é, processos em que se aprende mediante a interação com a família, os amigos, os professores, etc. e em que se compartilham não apenas conhecimentos, mas também valores morais e éticos, doutrinas, ideologias e laços de pertencimento cultural. Soares (2012) nos lembra que Freire (1976) foi um dos principais advogados de um enfoque social forte e radical do letramento.

Assim, a partir de reações ao pragmatismo, surgia a perspectiva radical, segundo a qual, não é possível se ter um conceito único de letramento adequado para todas as pessoas. Existem diversos grupos sociais inseridos em diferentes contextos. Soares (2012) nos esclarece que:

[...] são várias e diversas as atividades de letramento em contextos sociais diferenciados, atividades que assumem determinados papéis na vida de cada grupo e de cada indivíduo. Assim, pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vidas associados a esses lugares enfrentam demandas sociais completamente diferentes: [...]. Consequentemente, definir um conjunto de competências universais que evidenciassem o domínio de um “letramento funcional” é problemático: [...] (SOARES, 2012, p.80).

Ressaltamos, novamente, que os letramentos (no plural) não podem ser considerados apenas um instrumento que utilizamos para nos adaptarmos à sociedade. Segundo Soares (2012, p.76), “O que o letramento é depende

essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social; [...]”.

Podemos ainda dizer que o enfoque social forte reconhece que existem letramentos diversificados ou múltiplos letramentos que podem variar com o passar do tempo e que fazem parte de contextos sociais diferenciados, ou seja, cada grupo utiliza suas habilidades de leitura e escrita de forma diferente, pois cada um possui contextos históricos e culturais diferenciados, diferentes condições de acesso às tecnologias, tais grupos também têm linguagens variadas, formas de interpretação e opiniões diferentes em relação às coisas. Portanto, alinhados a Freire (1976 *apud* SOARES, 2012), concluímos que é importante promover letramentos críticos, que considerem essas diferenças e promovam mudanças na sociedade.

A perspectiva social forte do letramento, que o toma a partir de um viés ideológico, encontra também em Street (1984) um dos seus principais representantes:

Street afirma que a verdadeira natureza do letramento são as formas que as práticas de leitura e escrita concretamente assumem em determinados contextos sociais, e isso depende fundamentalmente das instituições sociais que propõem e exigem essas práticas (STREET, 1984 *apud* SOARES, 2012, p.75).

O modelo ideológico de letramento conforme previsto por Street (*apud* SOARES, 2012) encontra-se em contraste com o modelo autônomo. Para a segunda perspectiva, os pontos culturais e sociais não possuem relevância para determinar o letramento. Com isso, não há a aceitação de que existem diferentes formas de ler e de escrever, que são diretamente influenciadas pelo contexto social. Um outro problema, vinculado ao anterior, é que a palavra letramento é tida, na visão autônoma, no singular, como se houvesse apenas um letramento. Por outro lado, como diz Soares, o termo letramento não pode ser homogeneizado como se fosse uma coisa só. Nesse sentido, o modelo autônomo não contempla a grande complexidade presente no contexto social das práticas de letramento.

8 METODOLOGIA

A presente pesquisa é exploratória e descritiva em relação aos seus objetivos gerais (GIL, 1999). Segundo esse autor, a pesquisa exploratória tem como propósito proporcionar maior familiaridade com um determinado problema: em nosso caso

específico, como os usos da língua escrita externos à escola e os escolares se influenciam mutuamente. Já a perspectiva descritiva visa ao esclarecimento das características dos participantes em relação as suas práticas de letramento.

A fim de atingirmos os objetivos propostos em nossa pesquisa, iremos coletar dados mediante uma pesquisa quali-quantitativa. Para isso, usaremos de maneira complementar dois instrumentos de coleta de dados: a entrevista semiestruturada, que será analisada qualitativamente e, em seguida, um questionário virtual, que será analisado quantitativamente.

8.1 Participantes

Conforme já mencionamos acima, os participantes desta pesquisa serão os alunos do Curso Técnico Integrado em Química do IFSC- Câmpus Jaraguá do Sul, Centro. Optamos por esses membros, pois, como alunos do Instituto, temos mais acesso a esse contingente de pessoas, portanto, mais facilidade para coletar dados.

Além disso, é importante lembrar que esta pesquisa poderá contribuir para a Instituição escolar. Isto é, como membros desse contexto consideramos que nossos resultados podem ajudar o Curso Integrado em seu programa “Conectando Saberes”, o qual enfoca o desenvolvimento do letramento acadêmico e científico dos educandos. Para finalizar, o presente projeto é pioneiro na plataforma do referido programa.

8.2 Procedimentos de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados escolhido para subsidiar a análise qualitativa é a entrevista semiestruturada a partir da construção de um roteiro, que será empregado maleavelmente. Essa opção justifica-se por ser de maior flexibilidade e permite a busca de diálogo com o entrevistado, não o restringindo a um roteiro rígido de perguntas e respostas. Segundo Gil (1999), a entrevista semiestruturada possibilita que o entrevistador peça esclarecimentos acerca de pontos obscuros e, além disso, que o entrevistador observe expressões corporais e faciais do entrevistado. Portanto, a partir desse tipo de entrevista, pode-se haver melhor interação entre entrevistador e participante e, assim, uma chance maior de

que o entrevistado possa revelar como se sente em relação ao tema abordado. Os entrevistados serão convidados a participar de forma voluntária mediante um convite dos pesquisadores aos educandos.

Para a transcrição dos dados coletados por nossas entrevistas, empregaremos o código de transcrição adaptado a partir de Marcuschi (1997). Esclarecemos que o próprio grupo pretende transcrever as entrevistas.

A partir das informações observadas por intermédio da entrevista semiestruturada, formularemos o questionário virtual que será respondido pelas turmas de todas as oito fases do curso. Esse é um instrumento de perguntas que propiciará respostas objetivas e dissertativas. Ressaltamos, ainda, que o questionário abrange um maior número de pessoas e permite que as respostas objetivas sejam quantificadas (GIL, 1999).

8.3 Condução do teste piloto

Após nosso grupo elaborar os instrumentos de coleta de dados e aprender como aplicá-los, realizaremos um teste piloto do roteiro da entrevista e também do questionário para verificar se eles realmente poderão responder aos objetivos desta pesquisa e, caso sim, serão introduzidos como nossos instrumentos de coleta de dados.

9 CRONOGRAMA

Para a execução de nosso projeto de pesquisa, pretendemos desenvolver o seguinte cronograma, que será seguido durante todo o primeiro semestre de 2018.

	2018/ 01					
	Atividade 2018/01	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
	Revisão de literatura	X	X	X	X	
	Elaboração dos questionários	X	X			
	Aplicação dos questionários		X	X		
	Realização das entrevistas		X	X		
	Transcrição dos dados de entrevista			X		
	Análise dos dados da entrevista (qualitativos)			X	X	
	Análise dos dados do questionário (tabulação e quantificação)			X	X	
	Revisão do texto				X	
	Apresentação final do texto					X

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 *apud* SOARES, Magda. Letramento: como definir, como avaliar, como medir. In: _____ (Org.). **Letramento um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2012, p. 63-124

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

KLEIMAN, Ângela. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-64

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997

MATO GROSSO. Memorial da Justiça Eleitoral Matogrossense. **Evolução do voto**. Disponível em: <http://apps2.tre-mt.jus.br/memorial_portal/EvolucaoVoto.aspx>. Acesso em 14 nov. 2018.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. Letramento: como definir, como avaliar, como medir. In: _____ (Org.). **Letramento um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2012, p. 63-124.

SOUZA; Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 *apud* SOARES, Magda. Letramento: como definir, como avaliar, como medir. In: _____ (Org.). **Letramento um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2012, p. 63-124.

TELES, Valdenir Silva. **Leitura e escrita**: possíveis intervenções nas dificuldades de leitura e escrita dos alunos do 5º ano das séries iniciais. 2013. 52 f. Monografia

(Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Alto Paraíso de Goiás-GO, 2013.

VIEGAS, Ilana da Silva Rebello. O papel social da leitura e da escrita: a questão do letramento. **Caderno Seminal Digital** (Rio de Janeiro), v. 1, p. 240-266, 2015.